



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAROLINA APARECIDA MARTINI

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA
EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE CAMBÉ-PR.**

LONDRINA

2009

CAROLINA APARECIDA MARTINI

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA
EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE CAMBÉ-PR.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao curso de Pedagogia
da Universidade Estadual de
Londrina.

Orientadora: Prof. Dra. Paula Mariza Zedu Alliprandini.

LONDRINA

2009

CAROLINA APARECIDA MARTINI

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA
EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA CIDADE DE CAMBÉ-PR.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Paula Mariza Zedu Alliprandini
Universidade Estadual de Londrina

Adriana Cristine Dias Locatelli
Universidade Estadual de Londrina

Luciane Guimarães Batistella Bianchini
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 13 de outubro 2009.

DEDICATÓRIA

À Deus, por toda a força e por todos os caminhos que tem me mostrado.

E a todos os educadores que tem sobre si a responsabilidade de educar e formar cidadãos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por seu imenso amor, por toda força e por oportunizar a realização desta pesquisa.

A minha orientadora, Paula Mariza Zedu Alliprandini, que muito colaborou com esta pesquisa, que me acompanhou desde o início apontando não só caminhos, mas também direções a serem seguidas.

A todas as educadoras que me receberam e colaboraram, com seus relatos e experiências, sem estas, parte da pesquisa seria impossível.

A todos que contribuíram direta e indiretamente com meu trabalho.

A Josefina, minha mãe e companheira em todos os momentos.

MARTINI, Carolina Aparecida. **Sexualidade na educação infantil**: uma reflexão sobre a prática pedagógica em escolas públicas e privadas na cidade de Cambé-Pr. 2009. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009.

RESUMO

O presente trabalho buscou a reflexão sobre como a sexualidade vem sendo tratada pelas educadoras da educação infantil com crianças de três a quatro anos em sala de aula, e se a maneira como as educadoras agem diante desta temática está relacionada a sua formação/qualificação profissional e se há diferenças em relação a manifestação da sexualidade em diferentes contextos sociais. Para a obtenção dos dados foi aplicada uma entrevista semi-dirigida, as quais foram realizadas com dez educadoras, sendo cinco de escolas públicas e cinco de privadas, sendo todas localizadas em diferentes regiões da cidade de Cambé-Pr. De acordo com os relatos obtidos percebeu-se que a sexualidade faz parte do cotidiano da sala de aula e que muitas vezes o professor fica sem saber como agir, porém há a preocupação de algumas dessas profissionais em esclarecer e orientar as crianças da maneira correta, buscando cursos de formação, pesquisando sobre o assunto e as educadoras que tiveram formação na área desempenharam melhor o seu papel diante da manifestação da sexualidade das crianças.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação Infantil, Prática pedagógica, Formação de professores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I. REFERENCIAL TEÓRICO	10
II.METODOLOGIA	16
III. RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
APÊNDICES	39
APÊNDICE I.....	40
APÊNDICE II.....	41
APÊNDICE III	56

INTRODUÇÃO

A sexualidade se apresenta na vida das pessoas de maneira única. Associa-se a idéias e sensações de amor, prazer, afetividade e auto-estima, porém é tratada como um assunto proibido e constrangedor, desenvolvendo-se assim pouca afinidade com a sua própria sexualidade. (MANGOLD, et.al, 2008, p. 04)

A sexualidade sempre foi um “tabu” em nossa sociedade, principalmente com as crianças. Atualmente, a situação mudou, mas, ainda se vê a dificuldade dos educadores em lidar com a sexualidade de seus alunos.

O tema sexualidade faz parte do cotidiano das escolas. Cada vez mais professores se deparam com situações em que a sexualidade de seus alunos está evidente. Para Chies (2004), a sexualidade nas sociedades modernas está cada vez mais precoce, pois sofre grande influência da mídia, da tecnologia, as músicas cada vez mais erotizadas. Isso acaba influenciando no comportamento das crianças e na idéia que elas têm sobre si e o outro, pois, estão numa fase de descoberta de seu corpo.

Mangold et.al. (2008) explica que a sexualidade faz a criança aprender sobre seu corpo e que a sexualidade é parte integrante da formação do indivíduo.

Sabe-se que as manifestações sexuais fazem parte do desenvolvimento humano, pois de acordo com Nunes e Silva (2000, p. 02) a sexualidade faz parte da condição humana. No que diz respeito à sexualidade infantil, estes mesmos autores, referem-se ao desenvolvimento da criança, e afirmam que é preciso observá-la e respeitá-la (p. 49). De acordo com Ribeiro (1996, p. 26) o ser humano inicia seu autoconhecimento desde bebê.

A partir destas considerações apresentadas por estes diferentes autores, e por ter vivenciado no início de minha prática profissional uma situação em que duas crianças de três anos se esconderam para se beijarem na boca e se acariciarem, situação esta que me causou certo constrangimento, sem saber como agir, levantei o questionamento se os educadores da educação infantil, de escolas públicas e privadas, que atuam com crianças desta faixa etária estão realmente preparados para intervirem efetivamente diante de situações em que seus alunos apresentem algum comportamento que manifeste a sexualidade. Estas são situações rotineiras no desenvolvimento infantil, porém, é um assunto ainda complexo nas escolas, mas que faz parte do cotidiano da sala de aula e precisa ser encarado pelos educadores,

uma vez que, a realidade que vivemos exige isso. Guimarães (1995, p. 79) vai nos dizer que:

Os educadores reconheceram que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la na escola o quanto antes [...]. (Eles percebem como objetivo da educação sexual, “aumentar informações”, “ajudar a desconstruir”...) “quebrar tabus”, lidar melhor com a sexualidade na experiência própria e com os outros.

Falar sobre a sexualidade para as crianças deve romper os tabus tão arraigados na nossa prática pedagógica e avançar no que concerne ao aumento de informações.

Esteves (2000) fala que a escola, tem a obrigação de preparar os professores principalmente de educação infantil, para uma melhor postura diante da situação que envolva a sexualidade, assim, esclarece as dúvidas sem causar a erotização precoce.

Por isso, esta pesquisa é de extrema importância para mim, para meu desenvolvimento e amadurecimento profissional, pois situações deste tipo são frequentes em sala de aula, e uma criança que não recebe uma orientação clara, e saudável, pode se frustrar e procurar outros meios para sanar sua curiosidade. Além disso, este trabalho permitiu a reflexão sobre a prática em sala de aula quando há manifestações da sexualidade por parte das crianças e com a possibilidade de direcionar futuras pesquisas e inquietações diante deste tema, contribuindo com informações sobre a sexualidade na educação infantil à aqueles que pesquisam esta área.

Buscando compreender melhor como os educadores lidam com a sexualidade, foi realizada uma pesquisa com dez educadoras da educação infantil de diferentes escolas da cidade de Cambé-Pr. Destas dez educadoras, cinco atuam junto a escolas privadas e cinco a escolas públicas.

O presente trabalho teve como objetivos compreender como a sexualidade vem sendo tratada pelos docentes de educação infantil, com crianças de três a quatro anos no contexto da sala de aula; relacionar a forma de lidar com a sexualidade da criança e a formação/qualificação docente no que concerne a esta temática; verificar se há diferenças quando ocorrem situações que envolvam a sexualidade infantil em relação ao contexto social (escolas públicas e privadas).

No primeiro capítulo, está descrito o referencial teórico que subsidiou a presente pesquisa, o qual apresenta um breve histórico sobre as diferentes maneiras como as crianças eram tratadas nos diferentes momentos históricos, a contribuição de teorias de aprendizagem e desenvolvimento humano sobre a sexualidade, em especial a descrição das fases do desenvolvimento psicosssexual da criança de acordo com a teoria de Freud, o papel do educador e apontamentos sobre a importância da formação de educadores no que concerne a esta temática.

No segundo capítulo, está descrita a metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho, incluindo a organização e seleção das escolas e educadoras para a coleta dos dados, apresentação do modelo da entrevista aplicada e como estes dados foram trabalhados e analisados.

No terceiro capítulo, estão apresentados os resultados e as discussões a respeito dos dados levantados. É o momento da análise de como ocorrem as manifestações da sexualidade por parte das crianças em diferentes contextos sociais, como as educadoras reagem diante deste fato, e se realmente estão preparadas, confrontando a teoria e a realidade na prática educativa.

No último capítulo estão apresentadas as considerações finais, e uma reflexão sobre a pesquisa.

I. REFERENCIAL TEÓRICO

“Nascemos todos seres sexuais; no bebê a sexualidade é tão espontânea como a capacidade de sugar o seio materno ou a mamadeira e mais tarde, andar e falar”. (SUPLICY, 1999. p.18)

Chies (2004) explica que desde o nascimento a criança recebe estímulos e a sexualidade age de modo oculto direcionando as estruturas de personalidade do indivíduo até que ele chegue à fase adulta. Esses estímulos podem vir de várias formas, mas sabe-se que a mídia influi e interfere muito na sexualidade, seja, pelas novelas, músicas, danças, etc.. Pfromm Neto (1987), citando Bandura afirma que em seu estudo sobre a aprendizagem social, o comportamento de um indivíduo se modifica a partir da observação do comportamento do outro (modelo), ou seja, a auto-regulação e que este modelo pode ser da “vida real” (carne e osso) ou “simbólico” (filmes, novelas, músicas, etc.), “Bandura demonstrou que as pessoas aprendem simplesmente olhando o que o modelo faz [...]”. (PFROMM NETO, 1987, p.71)

De acordo com a proposta de Bandura, percebe-se que muitos comportamentos presentes nas crianças podem vir de “imitação” ou por plena satisfação por fazê-los. De acordo com a teoria social cognitiva, muitos dos comportamentos apresentados pelas crianças são provenientes da modelação.

[...] entende-se por modelação o processo de aquisição de comportamentos a partir de modelos, seja este programado ou incidental. Também se nomeia como modelação a técnica de modificação de comportamento com o uso de modelos. (BANDURA, 2008, p. 124)

As crianças nem sempre foram compreendidas da maneira como são hoje, Nunes e Silva (2000) explicam que a criança foi tratada de diferentes maneiras a partir dos diferentes períodos e lugares da história. Era concebida ora como ser assexuado e sem identidade, ora por inocência e pureza, ora se misturava em meio aos adultos como se os fosse também. Segundo eles, a concepção de infância está ligada a cada momento histórico, ao contexto social.

[...] a concepção de infância sempre esteve ligada aos modelos de sociedade [...]. Em diferentes períodos históricos e em controversas formas de organizar a vida econômica e social prevaleceram

distintas concepções sobre o mundo infantil. (NUNES e SILVA, 2000. p. 18)

Camargo e Ribeiro (1999, p.20) explicam que no Brasil, de 1500 até a virada do século XIX, o pai era a figura principal e extremamente importante para família e obtinha a submissão dos outros membros do grupo para cumprir seu papel, desta maneira os filhos eram submetidos à soberania do pai e regiam passivamente aos castigos físicos impostos, assim, a criança era apenas um 'acessório' e incapaz. As autoras continuam descrevendo (p.21) que com o advento das ciências humanas e biológicas, o ser humano passou a ser objeto de estudo e esse fato permitiu que se especificassem características próprias da infância, o que permitiu modificações na organização familiar, nas idéias sobre a concepção de criança e na prática escolar.

No Brasil, nas últimas décadas do século XIX, o espaço familiar e a escola se transformaram em ambientes de formação dos filhos por meio da educação de seus corpos e, principalmente, de uma educação do sexo, que passava pelo não-dito, pelo falar o mínimo possível e pelo controle do que era falado, de quem falava e o que se falava. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p.24)

Nunes e Silva (2000, p. 33) explicam sobre como a concepção de sexualidade segue o modelo social e que a maneira com a sexualidade é concebida varia de acordo com a sociedade, cultura, momento histórico.

Para Figueiró (2006, p.17) a sexualidade está além da questão biológica, é também influenciada pela cultura determinante.

De acordo como o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (1998, p. 17) o desenvolvimento da sexualidade é fortemente marcado pela cultura e história, de acordo com cada sociedade, e esta cria normas que constituem o comportamento sexual dos indivíduos.

Camargo e Ribeiro (1999, p.27) afirmam que “A infância, portanto, é uma categoria que existe no espaço social em que é estabelecida, negociada, desestabilizada e reconstruída no decorrer da história da humanidade [...]”.

De acordo com todo o processo histórico e social pelo qual nossa sociedade passou a criança começa a ser vista como um ser humano, ser este em evolução, cheia de desejos e curiosidades. A partir da necessidade de conhecer, a criança começa a explorar o meio e seu próprio corpo.

A interação ativa da criança com o espaço, com os outros e com os objetos permite-lhe conhecer a realidade e a própria identidade. A criança se desloca manipula, age. [...] movimento e ação são a base para a formação da personalidade e incidem na forma de assimilar o mundo, representá-lo e participar dele. (BATISTA, 2008, p. 89)

E é nesta descoberta, nesta exploração necessária a construção da identidade que a criança descobre seu corpo e passa a explorá-lo, manifestando a sexualidade. Camargo e Ribeiro (1999, p.27) explicam que Freud ao apresentar a teoria de desenvolvimento psicosssexual, considerou que há no ser humano uma energia sexual, denominada libido. Essa energia é voltada para a obtenção do prazer e está presente no indivíduo, do seu nascimento até sua morte e está localizada principalmente nos órgãos sexuais a fim de estimular a ação reprodutora do homem. A partir disto, algumas áreas como a psicologia, a biologia, psicanálise e a pedagogia trataram de estudar a infância e a sexualidade infantil.

Nunes e Silva (2000) parafraseando Sigmund Freud, dizem que existem fases sucessivas de desenvolvimento da sexualidade infantil, e cabe a escola preparar os educadores de modo que tenham o conhecimento do assunto para que orientem os alunos de maneira clara e correta, não reprimindo, e sempre com atenção aos excessos. Compreende-se, portanto que cabe a escola por meio da formação continuada, instrumentalizar aos educadores a formação/qualificação nesta temática. Os autores ainda explicam que Freud produziu uma análise de como ocorre cristalização da libido em diferentes zonas nas diferentes fases do desenvolvimento humano. Estas fases são denominadas psicosssexuais: fase oral; fase anal; fase fálica e depois a puberdade.

Braga (2003) apresenta as etapas do desenvolvimento psicosssexual da criança de acordo com Freud;

Fase Oral: Período: de 0 a 1 ano.

Nesta fase a região do corpo que proporciona maior prazer à criança é a boca, é por esta razão que a criança pequena tende a levar tudo o que pega à boca é a maneira de descobrir o mundo. O principal objeto de desejo nesta fase é o seio da mãe, que além de alimentar proporciona satisfação ao bebê.

Fase Anal: Período: 2 a 4 anos.

Neste período a criança passa a adquirir o controle dos esfíncteres, a zona de maior satisfação é a região do ânus. A criança descobre que pode controlar as suas fezes. É nesta etapa que a criança começa a ter noção de higiene.

Fase Fálica: Período: de 4 a 6 anos.

Nesta etapa do desenvolvimento a atenção da criança volta-se para a região genital. Inicialmente esta imagina que tanto os meninos quanto as meninas possuem um pênis. Ao serem defrontadas com as diferenças anatômicas entre os sexos, as crianças criam as chamadas "teorias sexuais infantis", imaginando que as meninas não tem pênis porque este órgão lhe foi arrancado (complexo de castração), e o menino pensa que o dele será arrancado também. Neste período surge também o 'complexo de Édipo', no qual o menino passa a apresentar uma atração pela mãe e se rivalizar com o pai, e na menina ocorre o inverso.

Fase de Latência: Período: de 6 a 11 anos.

Este período tem por característica principal um deslocamento da libido da sexualidade para atividades socialmente aceitas, ou seja, a criança passa a gastar sua energia em atividades sociais e escolares.

Fase Genital: Período: a partir de 11 anos.

Nesta fase, há uma retomada dos impulsos sexuais, o adolescente passa a buscar, em pessoas fora de seu grupo familiar, um objeto de amor.

A partir das teorias Freudianas, percebe-se que a criança com suas manifestações e desejos naturais, sem qualquer intencionalidade ou malícia, precisa de educação sexual, principalmente no que se refere à educação infantil que é a origem de todo o processo.

Se para a criança, tanto a manifestação de sua sexualidade quanto sua curiosidade e fala são naturais e espontâneas, a capacitação do adulto nessa área é claramente necessária para que sua intervenção seja adequada. A atitude da família, dos educadores, suas reações diante da TV, com ou sem palavras, positivas ou negativas, já constituem educação ou deseducação sexual. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p 58).

Muitos educadores ainda tem dificuldade em se relacionar com a sexualidade de seus alunos. Esteves (2000) afirma que é função da escola e da educação infantil cuidar para que a criança atinja a puberdade sem a erotização precoce e com abertura e esclarecimento de suas dúvidas. Para isso, cabe ao professor entender sobre o assunto para saber como reagir diante de uma situação em que a criança manifesta sua sexualidade, já que ela passa a maior parte de seu

tempo na escola, e em casa, os pais podem tratar do assunto de uma maneira que não seja saudável.

Camargo e Ribeiro (1999, p. 39) afirmam que estudos científicos realizados com adolescentes que receberam orientação sexual na escola, não foram estimulados a praticarem o ato sexual, nem se antecipou a idade do primeiro contato sexual e nem a incidência de gravidez na adolescência. E continua dizendo (p.40) que “[...] as relações entre liberdade, autonomia e respeito á intimidade devem estar presente em todo o trabalho educativo [...]”. De acordo com estas autoras, com a presença na escola de educadores que compreendem a sexualidade e respeitam o aluno, as crianças passariam a ter uma visão diferenciada da sexualidade, não sendo estimuladas pela mídia.

Figueiró (2006) afirma que há necessidade de formação específica para os educadores e principalmente na área da sexualidade.

[...] creio que a temática “sexualidade” pode ser um ponto capital na formação continuada, ou seja, no exercício de busca de crescimento pessoal e profissional do professor. Penso que se a formação continuada for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor-aluno e em todo o processo de ensino e aprendizagem. Ainda, especialmente, poderá haver significativo progresso no trabalho do professor, pois, refletir sobre questões ligadas à sexualidade e à educação sexual contribui sobre a maneira para repensar o papel do professor. (FIGUEIRÓ, 2006, p.93/94)

Camargo e Ribeiro (1999) trazem a idéia de que ao educador cabe educar a criança de modo que não haja repressão, mostrando-lhes limites. Porém, a maioria das educadoras tratam as manifestações sexuais como indisciplina, malícia e reprimem de maneira errônea e até intensificando mais as manifestações.

De acordo com Nunes e Silva (2000) uma curiosidade não satisfeita vira ansiedade e pode gerar um distúrbio de personalidade, assim, é necessário satisfazer as curiosidades, respeitando a criança e certos limites, não os informando nem de mais e nem de menos, tratando a situação de forma clara e objetiva, portanto ao educador preocupado com seus alunos deve submeter-se a uma reeducação sexual, revelando seus valores e buscando novos conhecimentos.

Neste sentido, a forma como o educador atua nestas situações é de extrema relevância.

Ao educador e à educadora cabe ajudar a criança a desenvolver uma consciência de sua própria capacidade quando pretende realizar uma determinada tarefa. A criança tem o mundo inteiro para descobrir, perceber, cheirar, apalpar, ouvir, usando o seu corpo. Dessa maneira sempre mostra uma curiosidade por satisfazer. E o corpo é a matriz da sexualidade. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 90)

II. METODOLOGIA

Para compreender de maneira mais efetiva como as educadoras reagem diante da manifestação da sexualidade por parte das crianças de três a quatro anos, na educação infantil em sala de aula, e como as educadoras trabalham com esta questão, se a forma como trabalham está ligada a sua formação/ capacitação no que concerne a este assunto e se há diferenças na manifestação da sexualidade pelas crianças comparando os diferentes contextos sociais que estão inseridas, foi elaborado um modelo de entrevista, contendo quinze questões (apêndice I) abordando estes temas e focando principalmente nas reações das educadoras diante do comportamento em que a sexualidade das crianças foi expressada.

Após a elaboração das questões para a entrevista semi-dirigida passou-se a seleção das escolas e das educadoras. Um total de dez educadoras, foram escolhidas tendo como critério o fato de ter experiência com as crianças da idade de três a quatro anos e de acordo com as instituições que atuam, sendo que destas, cinco atuam em escolas privadas e cinco atuam em escolas públicas da cidade de Cambé-Pr. As escolas foram selecionadas, a partir da autorização da direção, da localização, pois as escolas deveriam ser de diferentes regiões da cidade para que seja possível compreender se a manifestação da sexualidade infantil varia de acordo com o contexto que a criança está inserida. Esta etapa foi mais complexa, pois algumas instituições, principalmente as privadas, apresentaram certo receio em participar da pesquisa, em algumas a educadora responsável disse que não havia nada para contar e que procurasse outra instituição. Portanto, foi mais difícil encontrar cinco educadoras de escolas privadas dispostas a contribuir com o trabalho. Quanto às instituições públicas, quando solicitadas, atenderam prontamente e muito colaboraram com a realização da pesquisa.

A partir da seleção e agendamento de horários, passou-se a fase de coleta de dados. A entrevista semi-dirigida foi aplicada individualmente e no ambiente escolar. Conforme o modelo de entrevista, a educadora foi relatando fatos, apresentando situações e expondo seus conceitos e entendimentos sobre a sexualidade infantil. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas, ao serem transcritas as entrevistas foram preservados os nomes das educadoras e o das escolas em questão. Os relatos das entrevistas seguem em apêndice II

Após o término das entrevistas, foi elaborado um quadro comparativo (apêndice III), contendo as questões e os dados levantados, visando buscar pontos comuns e divergentes na fala das educadoras, facilitando a compreensão de como estas se preparam para a atuação nas instituições, se realmente se sentem preparadas quando se trata da sexualidade infantil e como elas tratam e agem com seus alunos quando se deparam com este assunto, traçando também comparações entre a situação social e de localização de cada instituição.

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os dados coletados, a partir da entrevista com as educadoras, nota-se que as crianças apresentam desde cedo impulsos sexuais, o que desperta nelas curiosidade, e que estas manifestações fazem parte de seu desenvolvimento, conforme relato da educadora II: “Isso faz parte do desenvolvimento infantil, da sexualidade das crianças”, ou ainda da educadora VIII: “É uma coisa normal, eles estão se descobrindo”.

Nunes e Silva (2000, p. 83) explicam que:

A criança nasce sem inibições corporais e mentais. Ao evoluir no crescimento uterino tem uma intensa experiência de prazer, plenitude e totalidade que sofre ao nascer; uma ruptura dramática, contudo maravilhosa. Mover-se-à na vida, pelo princípio do “prazer” e pela busca da satisfação e sensações agradáveis, princípios sobre as quais foi gerada.

Estes mesmos autores utilizando-se da teoria de Freud explicam que a criança já nasce com instintos sexuais e ela expressa esses instintos.

[...] A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela traz consigo para o mundo, e deles provêm. Através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixá-las passar despercebidas ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave. (FREUD apud NUNES e SILVA 2000, p.46).

Ribeiro (1996, p. 26) explica que o ser humano sexuado inicia seu autoconhecimento desde bebê.

É o que se pode perceber nas entrevistas, em que todas as educadoras da educação infantil das diferentes instituições, tanto públicas, quanto privadas, já haviam vivenciado alguma situação que envolvesse a sexualidade de seus alunos em sala de aula. Algumas relatam que é normal e que faz parte do cotidiano escolar, contam alguns casos corriqueiros, porém limitaram-se em casos mais “marcantes” ou acentuados, conforme relatos destacados a seguir:

“Uns dos fatores que mais temos que trabalhar é com a sexualidade. Casos que a gente percebe a sexualidade mais aflorada são desde três anos. Nos três anos tem situações marcantes e com as crianças do pré III é mais frequente. Tem

crianças que a sexualidade é bastante aflorada, mas que não é trabalhado em casa”. (Educadora II).

“A gente no dia a dia se depara com situações em que a sexualidade é bem aflorada.” (Educadora III).

A educadora VII, traz um exemplo da curiosidade das crianças: “[...] um menino estava indo no banheiro e mostrando seu “pipi” para as outras crianças, e todo o dia as crianças chegavam dizendo que essa criança estava mostrando o “pipi””.

De acordo com a fala das educadoras entrevistadas, a idade dos alunos varia de três a seis anos, mas, a maioria dos relatos apresentados abrangem a idade de quatro anos, que corresponde ao pré I. De acordo com Nérice (1988), o estágio heterossexual que se estende dos quatro a seis anos é o mais importante e é nele que a criança começa a se identificar com o sexo oposto, e este passa a ser fonte da libido. Este autor utiliza-se da teoria Freudiana para explicar esta fase, apresenta assim, que este “[...] estágio é o da descoberta do pênis pelo menino e pela menina”. (p.76/77)

Nunes e Silva (2000) explicam que de acordo com a teoria psicosssexual de Freud, a criança de 3 a 6 anos está na fase Fálica e começa a descobrir seus órgãos genitais, é nesta fase que desenvolve-se o “Complexo de Édipo”, em que, a criança passa a se identificar com o genitor do sexo oposto, ou seja, a menina identifica-se com o pai, e sente ciúme dele e o menino com a mãe. Por esse motivo, os autores explicam que neste período, a criança começa a apresentar sinais de sua preferência sexual. Surge também, nesta fase, a idéia de que todas as crianças têm pênis, mas, ao se depararem com as diferenças anatômicas acham que meninas não o têm porque foi arrancado e os meninos pensam que o deles será também (Complexo de Castração).

De acordo com o exposto, Braga (2008) explica que nesta fase há também a descoberta dos órgãos sexuais e sua manipulação.

O relato da educadora I exemplifica esta fase:

“O aluno ficava mostrando seu “pipi” para as outras crianças, abaixava as calças”.

E da educadora VIII, que relata um exemplo de curiosidade:

“Foi quando trabalhava com o pré III, teve um dia que fui embora mais cedo e na sala ficaram dois meninos, deu certo que esqueci algo e voltei para buscar e

quando entrei, eles estavam mexendo no “pipi”, um tentava ver do outro, ver o que tinha escondido”.

Através da fala da educadora X, podemos perceber a descoberta dos órgãos sexuais e da libido pelas crianças. “O filho perguntou ao pai se quando ele beijava a mãe ele ficava com o “pipi” duro, porque quando ele via alguém beijando na TV o dele ficava”.

Ribeiro (1996) explica o que é a libido utilizando-se da teoria psicosexual de Freud:

Freud estrutura a teoria da sexualidade em que preconiza que, no homem, há uma mola propulsora básica que é a energia sexual, a qual denomina libido. A libido é uma energia afetiva voltada para a obtenção do prazer e está sempre presente no ser humano, do nascimento até a morte. (p.26)

Torna-se necessário compreender que a sexualidade infantil é diferente da do adulto e as manifestações de curiosidade por parte das crianças são normais e desejáveis, porém cada uma reagirá de uma maneira, de acordo com a fase de desenvolvimento que se encontra e é preciso respeitar a singularidade delas.

A sexualidade infantil é inerente a qualquer criança e sua demonstração será particular a cada uma, sendo que aos educadores cabe conhecê-la, respeitá-la, conduzi-la de forma adequada, sem estimulação nem repressão e tendo sempre em mente uma auto-reflexão de sua própria sexualidade. (ALMEIDA, 20--?)

De acordo com Nérice (1988) as crianças manifestam seus impulsos sexuais de diferentes maneiras, podendo ser através do manuseio dos órgãos sexuais, ou exibicionismo. No manuseio, a criança explora o próprio corpo, e a parte mais comum são os órgãos sexuais. Segundo ele, essa atitude ocorre geralmente quando a criança está relaxada, principalmente antes do sono. Esta ocorrência pode ser explicada com o relato da educadora IV: “um aluno se tocava principalmente na hora do sono”.

Este mesmo autor explica que há preocupação muito grande por parte dos pais e educadores, mas é normal e faz parte do desenvolvimento da criança e segundo Nunes e Silva (2000, p. 77) a manipulação dos órgãos proporciona intenso prazer às crianças.

A sexualidade é uma coisa natural nos seres humanos, é uma função como tantas outras. Frequentemente estimulamos a

evolução de nossos filhos em vários aspectos (comer sozinhos, andar, ler...), mas com a sexualidade somos cuidadosos e até mesmo preconceituosos. (ROCHE, 2008)

Conforme observado no quadro comparativo (apêndice III) pode-se perceber que duas das dez professoras entrevistadas relatam uma forma de manipulação através de objetos, ou masturbação, onde as alunas se esfregam na cadeirinha, no cantinho, quase o tempo todo, exemplificando, a educadora VI relata: “Ela se sentava no canto da cadeira e se esfregava, ela chegava a gemer, a respiração ficava ofegante, ela não se continha, era a tarde toda, em qualquer lugar ela achava uma pontinha para se esfregar”.

Ou ainda, conforme relata a educadora VIII: “[...] foi no jardim I e havia uma menininha que se esfregava na cadeirinha, se masturbando. Ela ficava o tempo todo se esfregando na cadeira, no cantinho”.

A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem as crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades. [...] É uma exploração prazerosa de sensações corporais, um fenômeno universal, inconsciente, inofensivo e deve ser compreendido como uma descoberta do próprio corpo e suas sensações. (NUNES e SILVA, 2000, p. 77 – 78).

Porém, deve-se estar atento, pois a criança pode estar passando por momentos difíceis, ou presenciando algo, por este motivo o educador deve ser sensível às manifestações das crianças. No relato da educadora IV, este fato pôde ser identificado: “[...] uma criança se tocava porque o pai tinha o costume de fazer isso com ela [...] e foi ela quem contou para a professora [...]”. Macedo (2003) explica que a criança pode estar incomodada com suas roupas, ou incômodos físicos, “nem toda manipulação dos genitais é sinônimo de masturbação”. Há também, segundo Nérice (1988) o exibicionismo, ou seja, situações em que as crianças exibem seus órgãos sexuais aos outros colegas e amigos. Isto pôde ser observado de acordo com o relato da educadora VII: “um menino estava indo no banheiro e mostrando seu “pipi” para as outras crianças, e todo o dia as crianças chegavam dizendo que essa criança estava mostrando o “pipi””. Segundo Macedo (2003, p.4)

O "exibicionismo" infantil faz parte da fase de exploração dos corpos. Como um brinquedo novo, a criança quer mostrar aos outros

o que já descobriu. Quanto à menina que adora levantar a roupa e mostrar o bumbum, por exemplo, pode estar imitando algo que viu na TV. Em qualquer situação, cabe aos adultos começar a ensinar a noção de intimidade.

Em qualquer momento em que a criança esteja se tocando, ou se exibindo, é necessário explicar a ela que existe a intimidade, conversar sem reprimir e explicar os limites. Nunes e Silva (2000, p. 101) explicam que aos educadores cabe explicar muitas vezes o espaço social e seus limites, para que a criança compreenda que a corporeidade é uma dimensão íntima e pessoal. A educadora I explica qual foi sua reação diante de seu aluno que se exibia aos colegas "então só falava que não era de mostrar, que ele não sabia se o outro queria ver. Porque você tá mostrando? É seu, se você quiser ver, vai a um lugar em que você fique sozinho". Este fato relatado pela educadora I, demonstra que sua reação foi condizente, pois de acordo com Macedo (2003) se algo for feito em público é necessário dizer à criança que é um ato íntimo e que deve ser feito quando está sozinha.

Outra situação comum é a simulação do namoro, o beijar na boca, brincar de papai e mamãe. É comum ouvir crianças chamando colegas para beijar na boca. Neste caso, há também um "estímulo" por parte dos adultos que ficam perguntando "quem é seu namorado?", ou "você tem namorada?". Isso vai tornando comum entre as crianças o fato de namorar, beijar. A educadora X relata que havia algumas alunas que se escondiam para beijarem na boca, e quando ela questiona por que elas estavam fazendo, elas disseram que viram na novela, ou a educadora V que relata: "[...] eles estavam brincando, a menina deitada com uma boneca embaixo da blusa, e falando que ela estava para ganhar o bebê [...]".

Nunes e Silva (2000, p. 80) explicam que a criança não tem consciência do namoro, ela se baseia na imitação da TV, ou no que ela vive no momento. Bandura (2008, p. 128 – 129) diz que a imitação é indispensável para o desenvolvimento do indivíduo, e que a modelação influencia consideravelmente na aprendizagem e formação do sujeito. Piaget (1987, p. 71) afirma que para Bandura "[...] as pessoas aprendem simplesmente olhando o que o modelo faz, ainda que não procurem ativamente e espontaneamente imitar, ao mesmo tempo, o comportamento do modelo". De acordo com o quadro comparativo, quando são questionados sobre o que levam as crianças a apresentarem comportamentos que envolvam a sexualidade seis dentre dez educadoras relatam que alguns comportamentos podem

ser reflexos do que a criança presencia, seja através da TV, ou em casa, com os familiares, conforme relatos a seguir:

“A televisão e o comportamento dos pais diante das crianças”. Educadora III. Ou ainda, de acordo com a educadora VI: “É o que a criança vê dentro de casa”.

Também é normal nesta fase perguntas de natureza sexual, por exemplo, “como surgem os bebês?” relatada pela educadora V, ou como a educadora III, conta que a criança perguntou “para que serve a camisinha?”, ou entre tantas outras perguntas que deixam os educadores “assustados”. O que é indicado é que as perguntas sejam respondidas, as dúvidas sanadas, porém é necessário responder o que a criança perguntou, não precisa ir além, ou “dar uma aula” sobre educação sexual. O professor deve agir com naturalidade e sanar as dúvidas de seus alunos. Nérice (1988) afirma que é necessário responder a todas as perguntas de forma natural e verdadeira, porém à medida que a criança solicitar e deve responder apenas o que foi perguntado. “Não devemos deixar de responder às perguntas, nem fazer “mistério” em torno delas, nem esclarecê-las fantasiosamente e muito menos reprimir ou demonstrar desagrado quando são apresentadas”. (NÉRICE, 1988, p.71).

Oliveira (2000, p.2) em seu artigo cita um exemplo pertinente sobre a questão “de onde vêm os bebês” e sugere como tratar a curiosidade infantil:

Quando uma criança pergunta, por exemplo, como o bebê foi parar na barriga da mãe não quer dizer que ela queira ou aguarde saber detalhes com relação ao ato sexual dos pais. Responder a criança de maneira simples, clara e objetiva satisfaz sua curiosidade. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto que a não satisfação ou o excesso de informações gera ansiedade e tensão.

Nunes e Silva (2000, p. 55) afirmam que a curiosidade não satisfeita vira ansiedade pelo saber e que pode causar distúrbios de comportamento e na personalidade do indivíduo, o que deve ser feito é sanar a curiosidade respeitando os limites da compreensão e especificidade da criança.

Lopes (2007) contribui com algumas considerações sobre o que seria necessário no diálogo com as crianças,

[...] dar espaço para que as questões sejam colocadas e respondê-las com simplicidade, de forma que a criança entenda, considerando seu nível de maturidade e suas necessidades emocionais. Se as

respostas forem insuficientes a criança continuará perguntando ou procurará obter a resposta em outros lugares, talvez não muito confiáveis.

Com os relatos das entrevistas, compreende-se que é normal a curiosidade das crianças em expor e tocar seus órgãos sexuais, ou querer ver o colega, o importante é o professor saber relacionar-se e agir da maneira adequada. Macedo (2003, p.2) utiliza-se da fala de Maria Cecília P. Silva para explicar:

O problema não está na exploração sexual do próprio corpo ou nas brincadeiras entre crianças da mesma idade. Prejudicial é a repressão do adulto a essas atitudes, quando ele grita, proíbe, bate ou põe de castigo. Fazendo isso ele transmite a noção de que aquilo é errado, quando na verdade essas atitudes são tão naturais quanto aprender a andar, falar, brincar.

Portanto, o educador não deve reprimir a criança, e sim agir adequadamente, seja entretendo a criança com brinquedos, desenhos, histórias. Segundo Nérice (1988, p. 43) “deve-se manter a criança com as mãos ocupadas”.

Medida tomada pela educadora II, que explica: “Quando se depara com uma criança se masturbando, a gente distrai, pede para colocar a mãozinha para cima, vamos dormir [...]”.

Esta recomendação não é seguida por todos os educadores, pois há muito despreparo e o primeiro impulso é o de gritar, ou brigar com as crianças. Alguns relatos obtidos nas entrevistas confirmam esta afirmação, como o relato da educadora IX que descreve sua reação quando entrou na sala e viu dois meninos olhando dentro da calça do outro: “Na hora dei um grito para assustar eles e levei um choque, foi bem complicado”. E da educadora VI quando percebeu que sua aluna estava se masturbando na sala de aula: “[...] Eu não sabia o que fazer e na primeira vez, era gritei o nome dela. E ela ficou olhando para mim assustada e eu pensei que eu brigando, ela ficaria com vergonha e não faria mais, porém ela continuou”.

Nestas falas, percebe-se o despreparo das educadoras citadas acima, sobre um assunto que está ligado ao cotidiano da escola, da sala de aula e um assunto que faz parte do desenvolvimento humano. Vale ressaltar que ambas as professoras nunca haviam feito nenhum curso que abrangesse a sexualidade, nem mesmo na sua formação. Nunes e Silva (2000, p. 75) fazem uma crítica ao modelo

de formação de educadores neste país, em que se busca tirar dos professores “[...] a capacidade de uma cultura global [...]”, gerando assim, educadores alienados.

Camargo e Ribeiro (1999) trazem considerações importantes sobre a necessidade de professores que tenham esclarecimento sobre a educação sexual: “Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando as possibilidades do corpo e das emoções”. (p.50)

E continuam,

Assim, a formação de educadores e educadoras tem de ser considerada não apenas quanto à produção teórico - científica que embasa o conhecimento sobre a criança, mas também quanto ao autoconhecimento. O preparo dos educadores e educadoras implica o despertar de suas potencialidades, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade. (p. 51)

No relato da educadora III, encontra-se um exemplo de como ela conduziu a situação de curiosidade de seus alunos: [...] ele fez um desenho e na mesma época surgiu uma criança querendo saber como era que o bebê nasce. Isso aconteceu por que uma falou que foi de parto normal e outra cesariana. Nós fizemos um trabalho que foi muito gratificante, fizemos uma atividade com massinha e eu expliquei como as crianças nascem [...].

Outras educadoras também apresentaram um comportamento e reagiram de uma maneira adequada, conforme transcrito abaixo:

“No primeiro momento, o que eu sabia era que eu deveria tirar do foco, mas eu tinha uma preocupação de como conversar com elas sobre isso, pra não ficar uma coisa que elas achassem que era errado, eu só quis tirar do foco”. (Educadora X).

E há aquelas que não sabem do que se trata como relata a educadora II: “Quando nos deparamos com uma situação dessas, vi que os professores estavam mal preparados, eu tive que sinalizar, de orientar e até uma desconhecia o que era a masturbação. Existem algumas professoras mal informadas desta questão. Falta de informação”.

O psicólogo Rennes, citado por Macedo (2003), explica que se deve agir com naturalidade, para que as crianças não pensem que o que estão fazendo é “errado” ou “sujo”.

Nosso papel de educador é o de interferir, no limite de nossa competência, na crítica aos modelos repressivos/permissivos para a construção de uma sexualidade humanizada, erótica e lúdica, só possível numa relação de confiança e afeto. (NUNES e SILVA, 2000, p. 83)

Para que a interferência do professor seja positiva, este deve estar disposto a se preparar, estudar, ler, pois, a manifestação da sexualidade pelos alunos é natural e faz parte do seu desenvolvimento. O educador precisa compreender que a educação sexual está presente no cotidiano escolar e seu papel é fundamental para a formação do sujeito.

Nunes e Silva (2000, p. 68) afirmam que é importante repensar a formação do professor, porque é este quem vai interferir na informação e formação da sexualidade das crianças e adolescentes. "Sem uma base de conhecimentos, por maior boa vontade que tenham os professores, o trabalho acaba por esvaziar-se e descamba para o adiamento ou para outras direções contrárias [...]". (NUNES e SILVA, 2000, p.68).

Figueiró (2006, p.76) utiliza-se dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para ressaltar a importância da preparação dos educadores quanto à sexualidade humana:

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens nas escolas, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato deste tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas da sexualidade e suas diferentes abordagens [...].

Conforme pode ser constatado no quadro comparativo (apêndice III), a maioria das educadoras participaram de cursos na área da sexualidade e que elas têm a preocupação em pesquisar, de se informar sobre o tema em discussão. Um exemplo dessa afirmação é a fala da educadora VIII, "Eu buscava ajuda".

De acordo com Figueiró (2006, p.92) a formação continuada deve estar ligada à necessidade do cotidiano do professor, com os problemas que enfrentam na sala de aula.

Sente-se a necessidade do compromisso dos educadores com a educação sexual das crianças e da maneira como estes tratam as formas de manifestação da sexualidade, pois, em nossa sociedade, o sexo está cada vez mais banalizado e falar dele de forma séria ainda é difícil para a maioria dos adultos e sem um esclarecimento adequado nossas crianças serão facilmente “corrompidas”, porém algumas instituições ainda tentam resistir e fingir que a sexualidade não faz parte do cotidiano escolar, como foi o caso de três instituições privadas procuradas para que pudesse aplicar a entrevista, todas as educadoras destas escolas afirmaram que não poderiam contribuir com a pesquisa por que não havia nenhum fato relacionado a esta temática, o que dificultou a coleta dos dados, o que com os demais relatos pode-se perceber que estas instituições tiveram receio em falar sobre o assunto. Figueiró (2006, p.92) explica a importância de estar atento a sexualidade das crianças e que ocorre sim a manifestação da sexualidade pelos alunos dentro da escola:

A sexualidade é uma das questões que mais têm trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar. A manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar ou, mais comumente, na sala de aula está de modo geral, exacerbada tendo em vista a forma como a sociedade atual e os meios de comunicação, em especial, abordam-na. Temos observado forte instigação ao sexo, como também um rompimento com os valores morais e sexuais há muito estabelecidos.

Portanto, o trabalho educativo deve tratar a sexualidade humana resgatando-a de maneira sadia e respeitosa.

O trabalho de educação sexual implica a discussão de questões sociais, éticas e morais. Sendo assim, as relações entre liberdade, autonomia e respeito à intimidade devem estar presente em todo o trabalho educativo e, principalmente, naqueles que tratam da sexualidade. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p.40)

Até o momento compreende-se quanto é importante e necessário a formação e preparação de professores para o trabalho com a sexualidade infantil. De acordo com os dados levantados é pertinente afirmar que a sexualidade humana faz parte do desenvolvimento e contribui significativamente para a formação moral, psíquica e física do sujeito e que sua negação, ou a forma como é tratada pode acarretar problemas na personalidade do indivíduo. Nérice (1988, p. 14) afirma que o mau humor, desvios de personalidade, fracasso do sujeito, tem a ver com causas

relacionadas ao sexo, e que anomalias no comportamento sexual são simuladas por outras razões socialmente aceitas. Portanto, preparar adequadamente professores para se relacionarem com essas situações é essencial, mas o trabalho não é feito somente na escola, mas também em casa, com a família.

Durante o momento da coleta de dados, enquanto as educadoras relatavam suas experiências surgiu um ponto comum em todas as falas e que não constava no questionário inicial, a participação e a postura da família na escola, sua contribuição e influência na sexualidade infantil, por esse motivo, este ponto foi acrescentado a discussão e no desenvolvimento do trabalho.

A família é essencial na formação do ser humano e sua parceria com a escola facilita o desenvolvimento do aluno. Nunes e Silva (2000, p. 113) explicam que pais e educadores devem estar unidos pela responsabilidade de preparar e enquadrar as novas gerações à sociedade que convivem.

Chies (2004) afirma que para que a criança tenha liberdade para falar sobre sexualidade é necessário à aqueles que acompanham seu desenvolvimento, conhecimento e dialogo.

Nesta sua responsabilidade institucional é que radicam as formas de supostas alianças entre o saber sexual da família e aquelas informações e padrões de reforço exigidos pela escola em sua conformação com as finalidades mais complexas da construção social de comportamentos delimitados. (NUNES e SILVA, 2000, p. 113)

Percebe-se através das entrevistas que seis, dentre dez educadoras, chamaram os pais para conversarem sobre os comportamentos relacionados à sexualidade das crianças, algumas contam que encontraram nos pais compreensão.

“Algumas situações os pais são chamados, e há uma parceria grande entre a escola e a família. Os pais são questionados sobre o que as crianças vêem em casa, cenas de sexo, filmes pornográficos, entre outros”. Educadora II afirmando que a escola tem parceria com os pais e os trazem para o cotidiano da escola.

Seguindo o exemplo da parceria pais - escola, a educadora III relata que chamou a família para conversar a respeito da curiosidade apresentada pela criança sobre o que seria e para que serviria a “camisinha”: “Chamei a família, a mãe era professora, e foi mais fácil e me disse que ele havia ouvido falar em casa, com o pai. A mãe conversou e explicou que não era camisinha de vestir e para que servia”.

Porém nem todos os pais são compreensíveis quando o assunto é a sexualidade de seus filhos. A educadora V relata duas situações contrárias sobre a participação dos pais com os assuntos da escola, uma em que chamou os pais para conversar sobre o fato de seu filho querer tocar outra criança, e conseguiu conversar: “[...] eu senti que naquele dia eu consegui conversar sem ter medo, mas se os pais fossem mais radicais a coisa seria mais complicada, mas nessa hora a gente tem que ter frieza, deixar os pais falarem para depois a gente intervir”. Porém houve uma situação contrária: “Mas com a situação em que pedi para os alunos perguntarem em casa como nascem os bebês, a avó veio conversar, querendo saber por que a neta sabia ‘como nasce o bebê’, e com essa situação perdi quatro alunos”.

Este último relato da educadora V vem confirmar como falar de assuntos ligados a sexualidade ainda é um tabu. Apesar de toda a informação (ou desinformação) que circula livremente pela mídia, o escancaramento como se trata o sexo, a erotização precoce dos jovens, e a banalização sexual da figura feminina, os adultos se escandalizam com perguntas inocentes e manifestações saudáveis das crianças. É uma situação discrepante. Torna-se necessário informar aos pequenos o que desejam saber, agindo com naturalidade.

Frequentemente em nossa cultura, as crianças são impedidas de abordar o tema sexualidade, incorporando muito cedo o tabu que a envolve. A informação necessária e adequada, que possibilite a construção/autoria dessa informação, faz com que as crianças se sintam tranquilas com relação às questões relacionadas à própria sexualidade e possam desenvolver-se para tornar-se indivíduos conscientes dos valores e direitos. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 54)

As crianças se desenvolvem com naturalidade, ainda não internalizaram as normas sociais, agem por impulso e não existe malícia durante suas ações. Numa das entrevistas realizadas a educadora IX diz: “Acredito que eles não têm malícia, não tem a noção da gravidade do assunto e de sexo, a malícia está no adulto”.

Sobre o desenvolvimento, Batista (2008, p. 88) explica que:

As crianças deslocam-se, manipulam, experimentam, brincam sozinhas, brincam com os outros, comunicam-se e assim, vão construindo o próprio conhecimento e convertendo-se em seres

sociais. Portanto os adultos devem ter clareza sobre as características de cada fase das crianças, respeitando-as sempre.

Macedo (2003) diz que na maioria das vezes, a distância entre a moral do universo adulto e a ausência de pudor infantil resulta em ensinamentos cheios de “tira a mão daí, aquilo não pode, isso é feio” [...].

Compreende-se, portanto, a naturalidade de as crianças manifestarem comportamentos relacionados à sexualidade, seja por perguntas, ou exibicionismo ou manipulação dos órgãos sexuais, pois, conforme Colin (1973, p. 16):

O sexo, mesmo na primeira fase da vida, embora em estado mais latente, já existe na criança, tal como a necessidade de comer, de urinar, de defecar, etc. Ocorre, ainda, o fato de que a criança demonstra curiosidade em relação ao próprio corpo e, sem dúvida, em determinados momentos, esta curiosidade se localizará no sexo.

Torna-se necessário, que os educadores estejam atentos a estes fatos, para que possam agir de maneira adequada. De acordo com os dados obtidos com a pesquisa, no momento em que as educadoras são questionadas sobre os motivos que levam as crianças a manifestarem de alguma forma sua sexualidade, sete afirmam que, em sua maioria, o comportamento se dá porque elas estão se descobrindo, conforme apresentado nos relatos a seguir:

“A curiosidade do ser humano vem desde a barriga da mãe, a partir dos primeiros meses já começa a passar pelas fases, e deve ter orientações de acordo com as fases. É mais curiosidade”. Educadora V.

“A descoberta, acredito que eles estão se descobrindo e querem saber”. Educadora XI.

Macedo (2003, p. 1) explica que a sexualidade está presente no ser humano desde seu nascimento:

Desde que o mundo é mundo, as crianças não brincam de médico à toa: a aventura do descobrimento começa já nos primeiros meses, quando o bebê experimenta o prazer de explorar o próprio corpo, e se acentua nos anos seguintes, quando sua atenção se volta para o corpo dos pais e de outras crianças.

Destas sete educadoras, duas afirmam que além de ser natural da idade, a criança repete situações que ela presencia, seja em casa, na rua, na tv.

Eu acho que é a curiosidade, eles estão se descobrindo. [...] Um pouco é da família, o que eles veem em casa e que algumas vezes, nas falas, já tem malícia e então ele pode estar vendo em casa, ou na TV, por que eles na verdade não tem malícia. (Educadora I).

Existem também professoras que acreditam que o comportamento da criança é reflexo do que ela vive em casa, “Histórico familiar, o que ele vê dentro da casa dele. Se o pai se toca perto dele ele vai ver, ou tem relação ele vai demonstrar na escola”. (Educadora IV).

Nestes casos devem-se tomar atitudes mais sérias, para isso é muito importante que o professor esteja atento ao comportamento de seus alunos, pois, se o comportamento está excedendo, pode ser sinal de algum problema. Nestes casos, deve-se encaminhar a criança para profissionais especializados, que em parceria com a escola irá realizar um trabalho adequado com a criança. Foi o que relatou esta mesma educadora, “foi direto para a psicóloga”.

De acordo com o levantamento dos dados obtidos nas entrevistas, as análises e comparações percebe-se que em todas as dez escolas visitadas, tanto as públicas quanto as privadas, as educadoras tinham algo a relatar sobre a sexualidade infantil, algum fato que presenciaram que envolvesse a sexualidade de seus alunos em sala de aula.

As escolas selecionadas são de diferentes regiões da cidade de Cambé, principalmente as escolas públicas e este foi um dos critérios para que se escolhessem as escolas, para que posteriormente fosse traçada uma comparação entre a realidade social de cada uma e se este fato interfere no comportamento sexual dos alunos e na atuação dos professores.

Conforme o quadro comparativo, os fatos apresentados pelas educadoras de nove instituições são a princípio parecidos, como já foi apresentado acima, são situações corriqueiras de manifestações normais da sexualidade das crianças, fatos relacionados em sua maioria a curiosidade infantil. Destas nove escolas citadas quatro estão situadas em diferentes pontos centrais, sendo que três são particulares e uma pública, e cinco delas estão situadas em diferentes bairros, porém todos perto do centro e sem maiores diferenças sociais, porém uma escola pública está localizada em um bairro afastado da cidade, com mais violência, onde vivem famílias mais humildes, que apresentam um histórico de vida difícil, marcado pela violência e drogas. Esta escola atende criança em período integral, desde bebês até

adolescentes, com o propósito de tirá-los da rua e nela que se encontram situações mais graves, como nos relata a educadora VI, em que a criança era tocada pelo pai, e se tocava na escola e outra que estava sendo violentada pelo pai. Também relata que esta situação está sobre sigilo judicial e que há investigações em torno deste caso. Quando acontecem situações mais graves como esta, ela encaminha as crianças direto para a psicóloga, pois, os professores têm receio em se envolver. De acordo com o relato acima, percebe-se que realmente há diferenças nas manifestações da sexualidade quando as crianças são de regiões mais “carentes” de recursos. Crianças que estão inseridas em um contexto de dificuldades financeiras, afetivas, segundo os dados relatados, manifestam a sexualidade de maneira mais aguçada, e que nestas manifestações procuram indicar que está acontecendo algo.

Suplicy (1999, p.21) explica que a criança pode dar sinais de que está sofrendo algum abuso e tem manifestações como a hiperexcitação. Segundo ela, (p.20) o abuso contra as crianças está aumentando significativamente e geralmente a miséria e as péssimas condições de vida geram pessoas emocionalmente perturbadas. E o fato relatado pela educadora acima, exemplifica a fala da autora.

A sexualidade é parte integrante da vida e desenvolvimento sadio do indivíduo, porém não são todos que a percebem desta maneira. Porém percebemos que algumas educadoras (V, VI e IX) não reagem adequadamente quando se deparam com os impulsos sexuais de seus alunos, e reprimem, agem de maneira errônea e não possuem muita clareza sobre como ocorre o desenvolvimento da sexualidade infantil e que, essas educadoras que não agem adequadamente, não receberam informações sobre a sexualidade humana, principalmente a da criança. Estas relatam não terem participado de nenhum curso sobre sexualidade, portanto a falta de informação atrapalha a prática das educadoras e que as que já realizaram alguma qualificação nesta temática tiveram maior êxito em situações em que as crianças manifestaram a sexualidade. Vale ressaltar que apesar das dificuldades de falar sobre o assunto, de rever sua própria formação moral, pessoal, profissional e sua prática, as educadoras relatam que procuram se informar, estar atentas às manifestações das crianças, compreendendo suas necessidades e sendo objetivas quanto ao assunto. Para tanto, deve-se deixar o tabu que envolve este assunto de lado, compreendendo plenamente como se desenvolve a sexualidade na criança e agir com naturalidade, sendo através de cursos de capacitação, palestras, grupos de

estudos, o que é preciso é que as educadoras tenham clareza da importância de compreender como a criança se manifesta sexualmente e agir de maneira adequada.

A partir destas posturas, as crianças sentir-se-ão mais seguras, muito dos preconceitos que as envolve serão destruídos, haverá uma maior satisfação e seu desenvolvimento será positivo.

Cabe a nós educadoras proporcionar momentos de reflexão a fim de pensar o contexto social, novos caminhos para entender o ser humano e suas relações, é primordial a valorização da essência do ser, onde as diferenças nos tornam únicos e especiais. (MANGOLD, et.al., 2008, p. 06)

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou a reflexão sobre como a sexualidade infantil tem sido trabalhada pelas educadoras de educação infantil em escolas públicas e privadas na cidade de Cambé-Pr, se há diferenças entre o que acontece nestas escolas pesquisadas, a partir do referencial teórico sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil; como as educadoras reagem à manifestação da sexualidade em sala de aula e se estas manifestações ocorrem de maneira diferenciada quando comparados os diferentes contextos sociais em que estão inseridas.

Verificou-se assim, que além de ser uma temática que está sendo muito discutida atualmente tem sido também uma situação rotineira nas escolas de educação infantil que participaram desta pesquisa, uma vez que as crianças manifestam sua sexualidade em sala de aula. Porém, ainda há muito receio no que concerne a este assunto.

Durante a coleta de dados, percebeu-se o receio das educadoras, principalmente as de escolas privadas, em falar sobre o assunto, ficando constrangidas, muitas vezes tentando “esconder” o que realmente acontece em sala de aula. Notou-se ainda, que há muitas “barreiras” e tabus, quando se fala em sexualidade, principalmente a infantil. Assim, a fase de coleta dos dados em escolas privadas foi mais trabalhosa, quando comparada às escolas públicas, pois, algumas educadoras declararam que não havia nenhum fato sobre manifestação da sexualidade por parte das crianças para relatar.

Após todo o levantamento dos dados, percebeu-se que os objetivos que nortearam a pesquisa foram atingidos sendo possível relacioná-los e compreender como a sexualidade infantil vem sendo tratada em sala de aula, com crianças de três a quatro anos. Ficou evidente, durante a coleta de dados que as educadoras das escolas públicas falam mais abertamente, buscam orientação e pesquisam sobre suas dificuldades. Porém, foi possível perceber que são poucos os cursos de qualificação/formação que abordam este assunto, conforme relatos das educadoras e quando ofertados, alguns são muito superficiais, dificultando a compreensão e o trabalho educativo.

Percebe-se que muitas educadoras estão atentas sobre o desenvolvimento da criança, sobre como esta manifesta a sua sexualidade, e procuram agir de maneira adequada, esclarecendo as crianças, compreendendo e as respeitando.

Porém, nem todas agem assim, pois ainda há muita dificuldade de falar sobre esta temática, e sendo assim, algumas educadoras se acomodam e pouco fazem para compreender seus alunos e para agir adequadamente ou muitas vezes, estas educadoras, não se sentem preparadas devido a dificuldade de abordar a temática e agir naturalmente diante da manifestação das crianças.

Tendo como base os teóricos utilizados no decorrer do trabalho para que se pudesse compreender as melhores formas de abordar e trabalhar com este assunto em sala de aula da educação infantil, muito ainda há que ser feito, um longo caminho a percorrer, pois os tabus que envolvem a sexualidade estão enraizados em todos e para agir com as crianças adequadamente é preciso que as educadoras tenham a sua sexualidade bem resolvida e assim esses tabus serão superados. Para isso, precisam rever sua formação moral e profissional e torna-se imprescindível que também haja maior informação, cursos de formação, tanto a inicial quanto a continuada.

Outro ponto a ser considerado é como a realidade em que a criança vive está diretamente ligada a seu comportamento e a manifestação da sexualidade. Percebeu-se que crianças que vem de um contexto complicado de vida, em que convivem diretamente com violência, drogas, sexo e até mesmo com abusos manifestam a sexualidade com maior intensidade.

Contudo, esta pesquisa pôde servir de base para o estudo do desenvolvimento sexual de crianças de três a quatro anos, sobre as posturas das educadoras frente a este assunto, como a realidade em que a criança vive afeta efetivamente seu comportamento e sua sexualidade e possibilitar uma reflexão sobre a importância da postura das educadoras diante das crianças e da dificuldade de se falar sobre este tema. Considerando o estudo realizado sobre como deve ser clara, e adequada as informações e a postura dos educadores, quando se deparam com a sexualidade infantil no cotidiano escolar, percebeu-se que falta, pois, muitas vezes ele não sabe como deve agir, há pouca informações e muitas vezes vem cercada de preconceitos e tabus. Neste sentido, esta pesquisa traz uma contribuição teórica aos educadores e uma base para se repensar a formação e a prática educativa quando relacionada a sexualidade infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marina S. Rodrigues. A sexualidade na sala de aula. (s/a). Disponível em <http://www.pcd.pt/biblioteca/docs.php?id=297&id_doc=142&id_cat=4>. Acesso em: 30/01/2009.

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; Polydoro, Soely. Teoria social cognitiva: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BATISTA, Cleide V. M. Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros: por um prática educativa com bebês. Londrina, Maxiprint, 2009.

BRAGA. Marilandes Ribeiro. Conhecendo a sexualidade infantil. 2008. Disponível em: <<http://www.pt.shvoong.com/social-sciences/1748975-conhecendo-sexualidade-infantil>>. Acesso em: 14/04/2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil: Formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.2.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Claudia. Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: moderna, 1999.

CHIES, Ligia. 2004. Disponível em <<http://www.escolamovimento.com.br>>. Acesso em 16/ 06/2007.

COLIN, Claude. Como falar de sexo com as crianças. São Paulo: Honor, 1973.

ESTEVES, Acursio. Mídia e sexualidade na educação infantil II. 2000. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>>. Acesso em 16/06/2007.

FALCO, Alessandra de. Livro inédito aborda crenças sociais em dominós como a educação. Outubro, 2006. Disponível em: <<http://www.comciencia.br>>. Acesso em 11/05/2008.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: retomando uma proposta e um desafio. 2ª ed., Londrina: Eduel, 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2006.

GUIMARÃES, Isaura. Educação Sexual na escola: mito e realidade. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

LOPES, Patrícia. Sexualidade Infantil, 2007. Disponível em <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/1679533-sexualidade-infantil>>. Acesso em: 18/01/2009.

MACEDO, Lúlie. Quando a sexualidade engatinha. 2003. Disponível em <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/sexualidadeinfantil1.html>>. Acesso em: 18/01/2009.

MANGOLD, Maritânia; et. al. Sexualidade na Infância. 2008. Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educaçãoinfantil/sexualidade_infantil.pdf>. Acesso em: 25/02/2009.

NÉRICE, Imídeo G. Seus filhos, o sexo e você: Normas da educação sexual, da infância à juventude – de 0 a 19 anos -. São Paulo: IBRASA, 1988.

NUNES, César. SILVA, Edna. A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores associados, 2000.

OLIVEIRA, Nina Eira Dias de. Sexualidade Infantil. 2000. Disponível em: <<http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/sexualidade.htm>>. Acesso em: 18/01/2009.

PENNA, Antonio Gomes. A teoria da aprendizagem social e os conceitos de imitação e modelação. In: _____ **Aprendizagem social e motivação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.67-74.

PFROMM NETTO, Samuel. Teorias cognitivas. In: _____ **Psicologia da Aprendizagem e do Ensino**. São Paulo: EPU, 1987. p.71-73.

RIBEIRO, Cláudia. A fala da criança sobre a sexualidade humana: O dito, o explícito e o oculto. In: _____ **“A construção do corpo sexuado”**. Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras; Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. p.23-33.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. et. al. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso feito em 20/04/2008.

ROCHE, Fernanda. Sexualidade infantil. 2008. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/humanities/1784260-sexualidade-infantil/>>. Acesso em: 18/01/2009.

SUPLICY, Marta. Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999.

YASSUDA, Mônica Sanches; et. al. Meta memória e auto-eficácia: um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento, Abril, 2005. Disponível em; [http:// www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo)>. Acesso feito em 11/05/2008.

APÊNDICES

APÊNDICE I – MODELO DE ENTREVISTA

1. Nome:
2. Idade:
3. Tempo de profissão:
4. Escola que atua:
5. Turma que atua:
6. Turmas que já atuou:
7. Escola que já atuou:
8. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação)
9. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária?
10. Houve alguma situação que envolvesse asexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.).
11. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado?
12. Como você conduziu a situação?
13. Como você avalia ou avaliou a situação?
14. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula?
15. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção?

APÊNDICE II - ENTREVISTAS

ENTREVISTAS ESCOLAS PÚBLICAS

EDUCADORA I.

1. **Idade:** 41 anos
2. **Tempo de profissão:** 11 anos
3. **Turma que atua:** Pré III
4. **Turmas que já atuou:** Educação Infantil e crianças de sete a quatorze anos, em um projeto na oficina de expressão.
5. **Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação)** Magistério em 1989, Graduação em Educação Artística em 1992 e em 2004, Especialização em Gestão e Orientação.
6. **Você já participou de cursos na área da sexualidade?** Quando e quais foram, qual foi carga horária? Em 2006, mais ou menos, na UEL, um curso com psicólogos e estagiários, fomos durante mais de um ano, encontros semanais.
7. **Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.).** Tinha um aluno, no pré I, que não era nada grave, mais ele mostrava o pipi, e os outros ficavam “professora, o fulano mostrou o “pipi”, ah, professora”, nada que excedesse, é só mostrar o “pipi”, abaixar a calça do outro,
8. **Qual foi sua reação? Você se sentia preparado?** Na época não havia feito o curso, então só falava que não era de mostrar, que ele não sabia se o outro queria ver, por que você ta mostrando? É seu, se você quiser ver, vai a um lugar em que você fique sozinho,
9. **Como você conduziu a situação?** Agi com naturalidade, já tinha certa experiência e para mim não era nada grave, não era tão acentuada.
10. **Como você avalia ou avaliou a situação?** Ele era uma criança agitada e que gostava de chamar a atenção, Eu achava que as atitudes eram para chamar a atenção.
11. **Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula?** Eu acho que é a curiosidade, eles estão se descobrindo. Agente sempre conversa “é uma parte do seu corpo, é gostoso de mexer, como é gostoso fazer cócegas, massagem. Tem coisas que pode ser feito

sozinho e tem coisa que é para ser feito sozinho”. Um pouco é da família, o que eles vêem em casa e que algumas vezes, nas falas, já tem malícia, e então ele pode tá vendo em casa, ou na TV, por que eles na verdade não tem malícia.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção?

Agente sempre conversa. Não me lembro de ter conversado com a mãe, mas sempre conversamos, e quando há necessidade, a mãe é chamada.

Acredito que temos que agir de maneira natural, pois se você der muita importância, vai ficar mais aguçado ainda e se tratar com naturalidade, vai esfriando.

EDUCADORA II.

1. Idade: 46 anos

2. Tempo de profissão: 12 anos

3. Turma que atua: Direção

4. Turmas que já atuou: Projetos sociais envolvendo crianças de educação Infantil e séries iniciais.

5. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação) Magistério em 1995, Graduação em Pedagogia em 2004, e Especialização em Educação: Gestão Escolar.

6. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária? Durante os 12 anos na A.P.M.I, ela ofereceu cursos de formação continuada, já participei de uns três cursos sobre sexualidade, então durante minha atuação fiz acho que quatro, tenho o certificado, mas não lembro, sexualidade de crianças e adolescente, foram bem significativos.

7. Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.). Uns dos fatores que mais temos que trabalhar é com a sexualidade. Casos que agente percebe a sexualidade mais aflorada, são desde três anos. Nos três anos tem situações marcantes e com as crianças do pré III é mais freqüente. Tem crianças que a sexualidade é bastante aflorada, mas que não é trabalhado em casa. Temos um caso em que a criança do pré III está em tratamento com psicólogo, tanto por comportamento, palavras “chulas”, e atitudes que em alguns dias, ela não pode ficar perto de um menino. Os casos mais freqüentes são de masturbação, de toque e a

maioria são de meninas, elas se tocam, provocam os meninos. Procuramos distrair as crianças, conversa, toma medidas sócio-educativas.

8. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado? Quando nos deparamos com uma situação dessas, vi que os professores estavam mal preparados, eu tive que sinalizar, de orientar e até uma desconhecia que era a masturbação. Existem algumas professoras mal informadas desta questão. Falta de informação.

9. Como você conduziu a situação? Quando se depara com uma criança se masturbando, agente distrai, pede para colocar a mãozinha para cima, vamos dormir, e normalmente é na hora de dormir, sabemos que natural do desenvolvimento da criança, mas temos que tomar algumas medidas.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Como mãe, sempre lendo, vejo isso como uma coisa normal e vai de acordo com a maturidade que agente tem para conduzir essa situação quando agente se depara com isso, para conduzir essa situação.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? Isso faz parte do desenvolvimento infantil, da sexualidade das crianças. A sexualidade é mal resolvida, a nossa sexualidade é mal resolvida e os problemas que nós enfrentamos hoje, são por causa da nossa sexualidade mal resolvida.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção? Hoje, alguns casos a gente intervém sim, até como uma orientação com os professores. Algumas situações os pais são chamados, e há uma parceria grande entre a escola e a família. Os pais são questionados sobre o que as crianças vêem em casa, cenas de sexo, filmes pornográficos, entre outros. A escola encaminhou a criança para o psicólogo.

EDUCADORA III.

Agente no dia a dia se depara com situações em que a sexualidade é bem aflorada. Agente procura conversar, sem chamar a atenção, para não criar nenhum trauma nesta criança, conversando com eles, que tem momentos certos, horários, com a pessoa certa, explicando, chamando os pais, para os pais estarem assim, bastante atentos no relacionamento, o que essa criança vê em casa, na televisão, o

que os pais fazem diante dessa situação, pra depois agente ver qual vai ser a seqüência dessa criança na escola.

1. **Idade:** 52 anos

2. **Tempo de profissão:** 24 anos de magistério e 22 nesta escola.

3. **Turma que atua:** Direção

4. **Turmas que já atuou:** Educação Infantil até o Ensino Médio, pois sou formada em História e Geografia.

5. **Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação)** Magistério em 1982, Licenciatura em história e geografia, 1996 e especialização em “Administração, supervisão e orientação”, 2000.

6. **Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária?** Já participei (mas não explica, pergunto e ela diz que não se lembra).

7. **Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.)** Quando estava em sala de aula relata: Uma criança, do pré I, há muito tempo atrás, inclusive hoje, ele mora em Guaratuba, ele veio, quando surgiu a história da camisinha. Então que ele veio para a escola comentando que ele queria e como que ele iria usar, que o pai dele usava, então ele queria saber. Chamei os pais e veio a mãe, que é professora e falou. Perguntei o porquê daquele interesse e ela falou que realmente o filho tinha falado com os pais, que ele queria, por que ele ouvia falar tanto de camisinha e a mãe foi falar que não é a camisinha de vestir, de corpo, então o porquê daquilo lá, de prevenir das doenças, quando a mãe e o pai não querem ter mais filhos, esse é um método usado no momento, e que isso, toda vez que a gente se encontra ele se lembra.

8. **Qual foi sua reação? Você se sentia preparado?** Eu não sou uma pessoa que me deixo ficar nervosa, trato normal, o que eu não sei eu procuro falar com a criança que vou me informar. Conversei com eles separadamente, para ver o que a mãe tinha para me falar pra mim diante daquela situação.

9. **Como você conduziu a situação?** Chamei a família, a mãe era professora, e foi mais fácil e me disse que ele havia ouvido falar em casa, com o pai. A mãe conversou e explicou a ele que não era camisinha de vestir e para que servia. Ele fez um desenho e na mesma época surgiu uma criança querendo saber como era que o neném nasce, por que uma falou que foi de parto normal e outra

cesariana, então nós fizemos um trabalho que foi muito gratificante, fizemos com massinha, uma atividade e que eu expliquei como a criança nasce. Agente há tempos atrás e ainda hoje, os pais eram abertos e existem aqueles que não aceitam que os filhos saibam antes da hora. Agente fala só o que a criança tem que saber e nada mais.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Eu acho ótimo, por que é um crescimento para a gente, nesse mundo que agente tá tão rápido e se você não tiver clareza das situações você se perde. Agente percebe que tem muita gente que fala - eu não, vai perguntar para o pai. Você tem que trabalhar na cabeça das crianças. Se é uma coisa benéfica eu não posso fugir disso, o que eu não posso é estimular a criança, tenho que deixar claro.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? Eu como mãe eu acho que a televisão estimula muito e os pais estão muito liberais, falam claramente e até mesmo fazem perto das crianças, não tem limite, e os pais deveriam ter alguma restrições e cuidados.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção? Tudo o que acontece na escola, agente comenta com um ou com outro para trocar experiências, qual atitude que a gente deve tratar, chamei a coordenadora, chamamos a mãe, e por ela ser professora, ficou mais fácil, e hoje acontece alguma coisa e colocamos para os pais.

Algumas atitudes fazem parte do cotidiano, até mesmo no recreio, tem que ficar de olho em alguns, ficar mais atenta, não pode ir ao banheiro toda hora, já percebe aquele que é mais propenso a ter esse tipo de atitude.

EDUCADORA IV.

- 1. Idade:** 28 anos
- 2. Tempo de profissão:** 6 anos
- 3. Turma que atua:** Direção
- 4. Turmas que já atuou:** Pré III
- 5. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação)** 1998- Pedagogia, especialização em Gestão, orientação e supervisão – 1999.

6. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária? Já participei na verdade de dois, os dois voltados mais para o adolescente, mais as dúvidas eram muitas surgiram muitas perguntas na área da educação infantil. Mas foi mais voltado para a adolescência. Os cursos foram mais ou menos em 2003/2004.

7. Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.) Na verdade agente tem casos de crianças se tocando, no dia-a-dia, durante a atividade pedagógica ou na recreação, principalmente na hora do sono, por que agente tem a hora do sono. Para mim é bastante complicado, por que o professor tem que estar atento, às vezes tem que dispersar para que a criança não fique ali se tocando, ou pega um brinquedo ou vai ali, pega isso, para tirar ela daquele momento. E quando é uma coisa muito grave, eu sou acionada, e ai convoca os pais. O que tem mais é o toque e a vontade de aprender. Acredito que as professoras trabalham esse assunto falando os nomes corretos, da maneira certa. Teve um caso de uma criança do pré I que ficava se tocando e parece que era o pai que tocava, foi à professora que conseguiu tirar dele e ela me falou.

8. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado? A minha reação não é fácil não, é um assunto muito complexo, agente não pode chegar e falar qualquer coisa, agente tem que ta preparado, e infelizmente ainda falta muita preparação, muita informação.

9. Como você conduziu a situação? Neste caso, o menino foi direto para a psicóloga e ela chamou os pais. E ela não conseguiu descobrir, mas agora até que ele parou.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Na verdade, minha avaliação não terminou ainda, não conseguimos terminar ainda, ela tava fazendo acompanhamento, trouxe a mãe e depois o pai, mas agente não consegui descobrir ainda. Mas acho que ta no caminho certo, agora é trabalhar com essa criança.

A professora ficou chocada. Por que falta preparo. E trabalhar isso, tem que ter autorização. Por que nossos alunos são ecléticos. E a área é complicada. Histórico familiar de abandono, complicado.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? Histórico familiar, o que ele vê dentro da casa dele. Se o pai se toca perto dele ele vai ver, ou tem relação ele vai demonstrar na

escola. O pai é usuário de drogas, fuma perto das crianças. Tudo é o histórico familiar.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção?

Minha intervenção é observar e naquele caso, já passei direto para a psicóloga.

Crianças ficam o dia todo. Num curso uma psicóloga passou que 60% das crianças são abusadas. E elas tentam demonstrar e pedem socorro.

Quando a entrevista estava acabando a entrevistada nos contou que acabou de receber uma criança que está sendo violentada pelo pai, está sobre sigilo do juiz, parece que o abuso é do pai e do irmão e o pai é traficante, são duas crianças, uma menina de três e um menino de cinco. Nem eu sei ao certo o que é.

EDUCADORA V.

1. Idade: 50 anos

2. Tempo de profissão: 28 anos

3. Turma que atua: Direção

4. Turmas que já atuou:

5. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação) Magistério, 1979; pedagogia, 1986; Especialização em Língua Portuguesa, leitura e gramática, especialização em educação Especial, e especialização em educação infantil.

6. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária? Já, não me recordo o ano, mais eu fiz lá na UEL, com a professora Marineide Damico Figueiró, um ano de encontros, não foi seguido, mas deu uma carga horária boa, depois eu fiz esporádicos, minicursos, mas não me lembro os anos agora, esses cursos envolveram desde o bebe até a adolescência, são fases que agente foi passando para saber como trabalhar, em determinadas situações.

7. Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.) Antes de fazer o curso de sexualidade, agente ficava meio receosa pra chegar à criança e falar, mas fomos preparadas pra saber como chegar à criança quando ela estivesse brincando de mamãe e papai, encenando uma gravidez, e de repente tinha o beijo o abraço, ou até mesmo quando eles puxavam a calça do amigo para ver o sexo, então agente foi

se preparando através de leituras e da prática, para tudo isso. Uma que mais me marcou, foi que eles estavam brincando, a menina deitada com uma boneca em baixo da blusa, e falando que ela estava para ganhar o bebê, eu fiquei observando como iria desenrolar a brincadeira, mas eles só tiraram. Teve um outro momento em que o menino estava em baixo da mesa tentando mexer na menina, ela não falava nada, e quando eu percebi não dei bronca, a professora me chamou por que ela não sabia conversar, ela estava apavorada, e comecei a conversar com a professora e chamar a atenção de todas as crianças para determinada coisa que estava acontecendo naquele dia, foi o que me veio no momento, até que chamei a atenção dele sem a sala perceber, e começaram a participar também, às vezes agente age de um jeito que os pais não entendem. Teve um tempo que a professora estava trabalhando um determinado assunto sobre sexualidade e surgiu a pergunta de como nasce o bebê e na hora eu perguntei para a professora se ela já havia trabalhado esse assunto e ela disse que não e eu pedi para que eles perguntassem em casa como é que eles nasceram e que no dia seguinte eles voltariam conversar com a professora e uma dessas crianças disse que já sabia, a prima havia contado, “ela é maior e ela sabe”, e eu falei que mesmo assim, quero que você pergunte para seus pais, e conversei com a avó e por esse motivo, perdi quatro alunos.

8. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado? Agente mesmo preparada, balanceia, a maioria do meu trabalho é com criança pequena, eu procurei estar lendo, me atualizando e perdendo o medo de conversar. É claro que a orientação maior deve vir de casa, do pai e da mãe. Quando as crianças são pequenas você responde o necessário, não precisa ir além.

9. Como você conduziu a situação? Quando surge a necessidade, agente se acerta de materiais adequados, dinâmicas e isso já vai desenvolvendo o todo.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Essas duas crianças que estavam em baixo da mesa, a mãe da menina veio conversar comigo, por que, a menina havia reclamado, mas ela achava que era brincadeira, mas quando a mãe veio eu chamei os pais do menino e sentamos os quatro e a professora, agente foi conversando e eu expliquei que isso é próprio da idade, é claro que a professora tem que estar atenta a qualquer gesto, mas como não teve nada assim, de ter mexido, tocado, a curiosidade era normal, eu senti que naquele dia eu consegui conversar sem ter medo, mas se os pais fossem mais radicais a coisa seria mais

complicada, mas nessa hora agente tem que ter frieza, deixar os pais falarem para depois agente intervir. Mas com a situação em que pedi para os alunos perguntarem em casa como nascem os bebes perdi quatro alunos.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? A curiosidade do ser humano vem desde a barriga da mãe, a partir dos primeiros meses já começa a passar pelas fases, e deve ter orientações de acordo com as fases. É mais curiosidade.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção?
Sim, eu chamei os pais para conversar.

ENTREVISTAS ESCOLAS PARTICULARES

EDUCADORA VI.

1. **Idade:** 32 anos
2. **Tempo de profissão:** 14 anos
3. **Turma que atua:** Jardim II
4. **Turmas que já atuou:** educação infantil
5. **Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação)** Magistério (1994), Contabilidade, mas não se formou.
6. **Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária?** Nunca participei de nenhum curso na área.
7. **Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma).** Essa menininha entrou na escola, do meio do ano para frente, no pré II, nessa escola do centro. E ela tinha o costume de se esfregar no canto da cadeirinha. Ela se sentava no canto da cadeira e de madeira e se esfregava, ela chegava a gemer, a respiração ficava ofegante, ela não se continha, era a tarde toda, em qualquer lugar ela achava uma pontinha para se esfregar. Ela contava que ela dormia numa cama e que do lado dormia a mãe e o namorado e ela contava coisa muito certinho.
8. **Qual foi sua reação? Você se sentia preparado?** Eu era super nova, tinha uns 17 anos, eu não sabia o que fazer e na primeira vez, era gritei o nome dela. E ela ficou olhando para mim assustada e eu pensei que eu brigando, ela ficaria com vergonha e não faria mais, porém ela continuou.
9. **Como você conduziu a situação?** Conversei com a coordenadora da escola, contei o que tava acontecendo e ela me orientou a chamar a mãe e ver o que tava acontecendo. A mãe achou um absurdo, disse que nunca levou o namorado para dentro da casa dela, e ela não sabe se ela viu na televisão, o que ela garantiu é que nunca levou o namorado para dentro de casa. Mas até o fim do ano foi assim, nós não conseguimos resolver o problema. Entendo que a mãe deveria procurar um psicólogo, por que era grave e acho que a mãe ficou envergonhada, por que ela não iria inventar tudo tão certinho para contar. Quando a menina começava, eu a chamava para brincar, eu procurava tirar ela, já não brigava mais, foi uma vez só que eu briguei, eu sempre a chamava.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Para mim foi um aprendizado, uma experiência, esse foi o único caso, muito sério.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? Para mim é o exemplo que ela tem dentro de casa. Se a mãe fala que nunca levou o namorado em casa, mas sozinha ela não inventaria tudo. Alguma coisa ela deve ter visto.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção? Ela me orientou a chamar a mãe e a como agir, porém não resolveu.

EDUCADORA VII.

1. Idade: 23 anos

2. Tempo de profissão: 5 anos

3. Turma que atua: pré II

4. Turmas que já atuou: Maternal, pré I e II

5. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação) Magistério – 2002 e Normal Superior – 2006.

6. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária? Só palestras, e nos cursos de formação também não tive nenhuma disciplina relacionada.

7. Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.). Sim, foi este ano, na minha turma de pré II, um menino estava indo no banheiro e mostrando seu “pipi” para as outras crianças, e todo o dia as crianças chegavam dizendo que essa criança estava mostrando o “pipi”.

8. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado? Já tive passado por outras situações essa já foi mais tranquila.

9. Como você conduziu a situação? Conversei com ele, mas sem brigar, expliquei que todos têm e nem sempre o amigo quer ver o que ele tem. Chamamos a mãe e conversamos com ela, mas não resolveu, até que um dia eu disse á ele que se mostrasse o “pipi” de novo eu iria tirar toda a roupa dele e deixaria pelado, já que ele quer se mostrar. Foi ai que ele parou.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Achei que era uma coisa normal, que consegui resolver.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? A curiosidade e alguma coisa que ele viu.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção?
Sim, ela conversou com as crianças, e chamou a mãe para conversarmos.

EDUCADORA VIII.

1. Idade: 32 anos

2. Tempo de profissão: 10 anos

3. Turma que atua: Coordenação

4. Turmas que já atuou: Educação infantil

5. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação) Magistério (1998), Graduação em Pedagogia (2003)

6. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária? Cursos pedagógicos na UEL foi uma série de cursos sobre a sexualidade.

7. Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.). Isso foi no jardim I e havia uma menininha que se esfregava na cadeirinha, se masturbando. Ela ficava o tempo todo se esfregando na cadeira, no cantinho.

8. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado? Quanto mais chamar a atenção pior fica, por que a malícia está no adulto e não na criança. Eu buscava ajuda.

9. Como você conduziu a situação? Eu falava que não podia, que ela iria se machucar. Eu a chamava e dizia que não poderia fazer isso, a tia já explicou.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Para mim foi no começo eu fiquei assustada e foi buscar ajuda. Acho que tem que tomar cuidado com as palavras, por que uma coisinha que fala pode ficar para o resto da vida, é uma situação delicada. Eu não estava tão preparada e se isso acontecesse hoje saberia mais como fazer, agiria de outra forma.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? É uma coisa normal, que eles estão se descobrindo.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção?

Sim, ela me orientou como agir.

EDUCADORA IX.

1. Idade: 27 anos

2. Tempo de profissão: 5 anos

3. Turma que atua: Pré III

4. Turmas que já atuou: Pré III, 2^a série

5. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação) Magistério – 1999 e Normal Superior – 2007.

6. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária? Que eu me lembre não, apenas um curso abordou o tema, mas foi bem superficial. Nada específico.

7. Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.). Foi quando trabalhava com o pré III, teve um dia que fui embora mais cedo e na sala ficaram dois meninos, deu certo que esqueci algo e voltei para buscar e quando entrei, eles estavam mexendo no “pipi”, um tentava ver do outro, ver o que tinha escondido.

8. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado? Na hora dei um grito para assustar eles e levei um choque, foi bem complicado.

9. Como você conduziu a situação? Depois do grito, conversei com as mães e conversei com eles.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Acredito que eles não têm malícia, não tem a noção da gravidade do assunto e de sexo, a malícia está no adulto.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? A descoberta, acredito que eles estão se descobrindo e querem saber.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção?

Sim, ela estava comigo quando conversei com as mães.

EDUCADORA X.

1. Idade: 36 anos

2. Tempo de profissão: 18 anos

3. Turma que atua: Alfabetização (5-6 anos)

4. Turmas que já atuou: Educação infantil á 8ª série

5. Quando foi sua formação? (Graduação, Pós-graduação) magistério – 1999; História – 1994; Normal superior – 2004. Especialização em educação infantil – 2007; especialização em psicopedagogia, mas faltou a monografia e não conclui.

6. Você já participou de cursos na área da sexualidade? Quando e quais foram, qual foi carga horária? Participei de cursos, inclusive dentro do curso de formação, por que ao longo da carreira foram vários, na sexualidade infantil. No curso de normal superior e nas especializações.

7. Houve alguma situação que envolvesse a sexualidade em sala de aula? (descreva a situação, qual instituição e qual turma.). Nesta escola eu tive uma turma de três a quatro anos, em que as crianças vieram de duas turmas e tinha um total de 17 crianças e nessa turma eu tinha crianças que beijavam na boca. No parque elas ficavam muito tempo e elas ficavam beijando e eram meninas. A minha primeira reação foi perguntar o que elas estavam fazendo, e elas em nenhum momento ficaram com vergonha. E eu perguntei por que elas estavam beijando na boca e elas me responderam, há que é gostoso. E eu falei agora vamos sair daí e brincar por que é hora de parque. Eu as tirei daquele momento. E depois eu vim conversar com a diretora. Peguei só as crianças e conversei. Perguntei por que

8. Qual foi sua reação? Você se sentia preparado? No primeiro momento, o que eu sabia era que eu deveria tirar do foco, mas eu tinha uma preocupação de como conversar com elas sobre isso, pra não ficar uma coisa que elas achassem que era errado, eu só quis tirar do foco. E antes de conversar com elas eu conversei com a diretora.

9. Como você conduziu a situação? Chamei as crianças envolvidas e conversei. Por que vocês estavam beijando? Elas me responderam por que é gostoso e eu perguntei quem beija, onde vocês viram? Elas me disseram que na novela, então expliquei que quem beija são adultos. Tomei essa atitude para não chamar mais a atenção, pois, o resto da turma não havia percebido, e se eu insistisse iria provocar mais.

10. Como você avalia ou avaliou a situação? Eu achei que foi a melhor coisa que eu fiz, por que deu certo.

11. Para você, o que leva ou levaria as crianças a apresentarem esses comportamentos em sala de aula? Um pouco é a idade, por que elas estão se descobrindo e neste caso, foi na televisão.

12. O coordenador da escola foi comunicado? Houve intervenção? Ela me orientou, mas não precisou chamar os pais.

13. Já teve algum caso, que teve que chamar os pais? Assim, acho que deve ter uns dois casos de masturbação, e nós pedimos o auxílio da psicóloga e conversamos com a família.

Obs. Quando finalizava a entrevista, a educadora conta que um pai chegou contando a seguinte situação.

“O filho perguntou ao pai se quando ele beijava a mãe ele ficava com o “pipi” duro, por que quando ele via alguém beijando na TV o dele ficava. O pai veio conversar na escola sobre o comportamento do menino, se a professora havia percebido algo. Na escola não aconteceu nada e o pai foi orientado a conversar com o filho. A criança tinha quatro anos, e o pai chegou todo constrangido para perguntar”.

APÊNDICE III – QUADRO COMPARATIVO DAS RESPOSTAS DAS EDUCADORAS ENTREVISTADAS

<u>ESCOLAS PÚBLICAS</u>	EDUCADORA I	EDUCADORA II	EDUCADORA III	EDUCADORA IV	EDUCADORA V
Turma que trabalha	Pré III.	Coordenação.	Coordenação.	Coordenação.	Coordenação.
Cursos na área da sexualidade	Em 2006, participou de um curso que durou um ano envolvendo a sexualidade na educação.	Fez alguns cursos que envolveram a sexualidade infantil e adolescente.	Diz que já fez, mas não se lembra bem como foi.	Cursos voltados para a adolescência, mas surgiram perguntas sobre a educação infantil, foram em 2003/2004.	Alguns cursos que envolveram a sexualidade do bebê até a adolescência.
Experiências e turma que ocorreu	A criança mostrava seu sexo para as outras, foi no pré I.	Criança do pré III, não pode ficar perto dos meninos por que fica provocando, se tocando, e falando palavras “chulas”, ela está em tratamento.	Criança do pré I, queria saber para que serve a “camisinha”, que ele queria usar porque o pai usava.	Uma criança do pré I que ficava se tocando, principalmente na hora do sono e parece que era o pai que a tocava.	O menino estava em baixo da mesa tocando a menina, brincadeiras de “mamãe e papai”, e curiosidade sobre como nascem os bebês.
Localização da escola	Bairro próximo ao centro	Bairro próximo ao centro	Bairro próximo ao centro	Bairro da periferia, bem afastado da região central.	Área central

<p>Reação e condução do caso</p>	<p>Agiu com naturalidade e conversou com a criança, que ele deveria ver quando ele estivesse sozinho.</p>	<p>Algumas professoras são mal informadas, e houve sua intervenção, com conversas, mas procura distrair a criança, brincar.</p>	<p>Ficou calma, chamou os pais e conversou com eles e com a criança separadamente, e explicaram para que serve a “camisinha”.</p>	<p>O menino foi direto para a psicóloga e ela chamou os pais, mas ninguém descobriu o que realmente acontecia. Ainda há muita falta de informação, falta preparo.</p>	<p>No primeiro, chamou a atenção da sala para o que estava acontecendo e chamou a atenção dele sem a sala perceber e chamou os pais. No segundo e no terceiro pediu para que as crianças perguntassem em casa para depois a professora trabalhar. E na curiosidade responde apenas o necessário.</p>
<p>Participação da família</p>	<p>Nunca teve que chamar os pais.</p>	<p>Tem uma boa parceria com os pais.</p>	<p>A mãe foi compreensiva e conversou com a criança.</p>	<p>Às vezes chama os pais, mas tem casos que encaminha direto para a psicóloga, pois fica com receio.</p>	<p>Alguns pais compreendem, e participam, já outros não.</p>
<p>Avaliação</p>	<p>A criança agia para chamar a atenção.</p>	<p>É uma coisa normal do desenvolvimento humano.</p>	<p>É um aprendizado, e sempre tem que responder e esclarecer as dúvidas das</p>	<p>Ainda não sabe por que o caso está em andamento, mas é muito complicado trabalhar com a sexualidade devido à área de trabalho e ao histórico das famílias.</p>	<p>Tem que ter frieza para resolver a situação.</p>

			crianças.		
Opinião sobre o comportamento	A criança está se descobrindo, é uma fase de curiosidade, mas também elas podem presenciar algumas cenas em casa e na tv.	É uma coisa normal do desenvolvimento infantil, da sexualidade da criança.	A televisão e o comportamento dos pais diante das crianças.	Tudo é o que a criança vê dentro de casa, seu comportamento na escola é reflexo do que ela vive em casa.	É curiosidade de acordo com as fases que a criança passa.

<u>ESCOLAS PRIVADAS</u>	EDUCADORA VI	EDUCADORA VII	EDUCADORA VIII	EDUCADORA XI	EDUCADORA X
Turma que trabalha	Pré II	Pré II	Coordenação	Pré III	Alfabetização
Cursos na área da sexualidade	Nunca participou de nenhum curso.	Algumas palestras.	Cursos pedagógicos que envolvem a sexualidade.	Um curso fez abordagem superficial, nada específico.	Nos cursos de graduação falou um pouco sobre a sexualidade e alguns cursos específicos deste tema.
Experiências e turma que ocorreu	No pré I, uma menina que ficava se esfregando no canto da cadeirinha.	No pré II, um menino todo dia ficava mostrando seu sexo para os colegas.	No pré I uma menina ficava se esfregando na cadeira, o tempo todo.	Pré III, ao entrar na sala presenciou dois meninos se observando, olhando dentro da calça do outro e mexendo.	No pré I, algumas meninas se escondiam para beijar na boca. E uma vez o pai contou que o filho perguntou se ele ficava com o “pipi” duro quando beijava a mãe, por que o dele ficava quando via alguém beijando na TV.
Localização da escola	Área central	Área central	Área central	Bairro próximo ao centro	Bairro próximo ao centro

Reação e condução do caso	Primeiro deu um grito com a criança e depois começou a distraí-la quando ela começava a se esfregar, chamou a mãe, porém não resolveu o problema.	Conversou e explicou que não precisa ficar mostrando e chamou a mãe, e um dia combinou que se lê mostrasse de novo ele ficaria sem roupa.	Buscou ajuda, fala que ela iria se machucar, e chamava sua atenção.	Gritou com as crianças, chamou as mães e conversou com os meninos.	Tirou do foco, chamou para brincar e depois separadas da turma ela conversou com as crianças.
Participação da família	A mãe não aceitou que a criança poderia ver alguma coisa dentro de casa.	Chamou a mãe e ela conversou com ele.	Não teve que chamar a família.	Conversou com as mães das crianças.	Tem uma boa parceria entre a escola e a família.
Avaliação	Foi um aprendizado, uma boa experiência.	É uma coisa normal que conseguiu resolver.	Tem que tomar cuidado com o que diz, por isso buscou ajuda.	As crianças não têm malícia.	Foi uma atitude correta, pois deu certo.
Opinião sobre o comportamento	É o que a criança vê dentro de casa.	A curiosidade e algo que ele presenciou.	É uma coisa normal, eles estão se descobrindo.	É a descoberta, eles querem saber.	Elas estão se descobrindo e também houve a interferência da tv.

